

## Mundo



## RESTAURANTES POPULARES NA ARGENTINA

## Protestos pedem envio de alimentos

Ativistas alegam que o fornecimento foi interrompido em dezembro por Milei



Em fuga, palestinos abandonam Rafah após a advertência das Forças Armadas de Israel para que deixassem parte da cidade no sul da Faixa de Gaza; muitos já haviam fugido do norte do território

# NOVO APERTO EM GAZA

## Exército de Israel toma passagem de Rafah e corta entrada de ajuda humanitária

REPORTAGEM

Com tanques, as Forças Armadas de Israel tomaram o controle ontem do posto fronteiriço de Rafah, que separa a Faixa de Gaza e o Egito, substituindo bandeiras palestinas por israelenses antes de uma possível grande incursão terrestre na cidade do extremo sul do enclave. Esta é a primeira vez que o Exército de Israel entrou nessa parte de Gaza desde o início da guerra com o grupo terrorista Hamas, em outubro do ano passado. Funcionários palestinos disseram que todo o fluxo de ajuda do Egito para Gaza parou depois da tomada de controle da passagem de Rafah, com a ONU alertando que a crise humanitária no território pode piorar, uma vez que Israel já havia fechado a passagem de Kerem Shalom após a morte de quatro soldados em um ataque no domingo —as duas são as principais rotas para entrada de suprimentos em Gaza.

Em uma publicação nas redes sociais, as Forças Armadas de Israel afirmaram que a ação é uma "operação de contraterro" com o objetivo de "eliminar terroristas e infraestruturas do Hamas". Os militares indicaram, também, que o ataque ficará limitado a áreas es-

pecíficas do leste da cidade. As Brigadas al-Qassam, braço armado do Hamas, confirmaram que entraram em confronto com soldados israelenses. O grupo também voltou a disparar foguetes contra a passagem de Kerem Shalom.

A ofensiva israelense foi lançada contra Rafah um dia após o Exército do país emitir alertas para que a população civil deixasse setores da cidade, antecipando que uma invasão terrestre estava em preparação. Os militares estimaram que cerca de 100 mil pessoas seriam afetadas pelo aviso do que chamaram de "deslocamento temporário", mas fontes palestinas falam em um número superior a 200 mil pessoas.

**PROPOSTAS DESCONECTAS** Enquanto Israel fazia sua advertência na segunda-feira, o Hamas chegou a anunciar que havia aceitado os termos para um cessar-fogo em Gaza. Autoridades de Israel afirmaram, contudo, que o grupo palestino aceitou uma proposta "suavizada" pelo Egito, que atua como mediador. O texto aprovou pelo Hamas incluí termos que levam a um cessar-fogo definitivo, com a retirada das tropas israelenses do território de Gaza, o que não é aceito pe-



Ação na fronteira. O ministro da Defesa de Israel, Yoav Gallant (à esquerda), conversa com militares na área de Rafah

lo Estado judeu. A proposta previamente aprovada pelo governo de Benjamin Netanyahu falava apenas em uma trégua temporária para troca de reféns israelenses por prisioneiros palestinos.

Para a comunidade internacional, a operação militar contra Rafah é considerada preocupante pela grande quantidade de civis refugiados na cidade. Antes da guerra entre Israel e o Hamas, Rafah abrigava 250 mil pessoas, população que aumentou para quase 1,5 mi-

lhão —mais da metade dos 2,3 milhões habitantes do enclave —com o deslocamento forçado pelo conflito. O comando militar israelense garante que os últimos batallhões operacionais do Hamas estão escondidos na região, enquanto líderes estrangeiros, incluindo aliados como o presidente americano, Joe Biden, criticaram a medida apontando o risco de a ação se converter em uma catástrofe humanitária.

A pressão internacional não foi suficiente para demover as autoridades israelenses. Mes-

mo durante as negociações de cessar-fogo, Netanyahu afirmou que a invasão por terra de Rafah ocorreria com ou sem uma trégua para a libertação de reféns. O líder israelense também sobre pressões internas da linha-dura de seu Gabinete, que exige que o Hamas seja destruído.

Embora tenha sido anunciada como uma operação de escopo limitado, organizações internacionais e ONGs com atuação em Gaza criticaram a

interrupção da entrada de ajuda humanitária. Segundo o porta-voz do escritório humanitário da ONU, Jens Laerke, Israel negou acesso a funcionários da organização em Rafah e Kerem Shalom. Segundo ele, o enclave tem apenas "um dia de combustível" restante.

—Seria uma forma muito eficaz de enterrar a operação humanitária —alerrou o porta-voz.

Já o secretário-geral da ONU, António Guterres, pediu a reabertura imediata dos postos em Rafah e Kerem Shalom, instando o governo israelense a "parar a escalada".

—O fechamento, ao mesmo tempo, dos corredores de Rafah e Kerem Shalom é particularmente prejudicial em meio a uma situação humanitária já desesperadora. Eles devem ser reabertos imediatamente —disse Guterres a jornalistas.

Na segunda-feira, o governo brasileiro divulgou uma nota apontando "grande preocupação" com a potencial operação israelense em Rafah, acusando o governo israelense de "mostrar, novamente, desocupo pela observância aos princípios básicos dos direitos humanos e do direito humanitário, a despeito dos apelos da comunidade internacional, inclusive de seus aliados mais próximos".

Embora Israel tenha se comprometido a enviar ontem uma delegação diplomática ao Cairo para discutir os termos de um acordo de cessar-fogo com o Hamas, a expectativa de acordo entre as partes diminuiu. O principal impasse é a discordância sobre a duração do cessar-fogo, se temporário ou definitivo.

### 'ÚLTIMA OPORTUNIDADE'

Porta-vozes do Hamas afirmaram que a invasão de Rafah prejudica as negociações. A proposta aceita pelo Hamas prevê três etapas de troca de reféns por prisioneiros, cada uma com 42 dias de duração, sendo a última fase já a do fim do bloqueio de Gaza e do início da implementação do plano para reconstruir o território sob supervisão de Catar, Egito e ONU.

Autoridades de Israel reafirmaram, nos últimos dias, que não concordariam com nenhum acordo que mencionasse um cessar-fogo definitivo. Também deve dificultar a construção de uma proposta decisiva o fato de que, provavelmente, nem todos os 33 reféns incluídos na primeira fase da troca estão vivos.

Sob anonimato, um líder do Hamas disse à AFP que a atual negociação é a "última oportunidade para Netanyahu e para as famílias [dos reféns] voltarem a ver seus filhos". O ministro da Defesa israelense, Yoav Gallant, afirmou que as operações militares em Gaza iriam se intensificar, se o processo para a libertação dos reféns não mostrar progresso.

Com AFP e NYT

### Pacientes ficam sem tratamento

> O fechamento da passagem de fronteira de Rafah pelas Forças Armadas israelenses ontem deixou milhões no sul de Gaza, 46 doentes e feridos que deveriam receber tratamento médico no Egito, enquanto os combates aconteciam nas proximidades, disseram as autoridades de saúde do enclave, controlado pelo grupo terrorista Hamas.

> Os pacientes sofrem de uma série

de doenças graves, incluindo diversas formas de câncer, disse o Ministério da Saúde de Gaza. Entre eles, está Aseel Warsh-Agha, 16 anos, que deveria viajar ao Egito para uma cirurgia para tratar queimaduras de terceiro grau.

> A família dela comemorou na noite de segunda-feira após o anúncio do Hamas de que havia aceitado os termos de uma proposta de

cessar-fogo, disse o tio, Ahmed Warsh-Agha. Israel disse que não aceitará esses termos e, na manhã de ontem, a família acordou com a notícia de que o Exército israelense tinha tomado a passagem de Rafah, fechando a passagem ao Egito.

> Aseel foi queimada por gordura de cozinha há três anos e viajou duas vezes ao Egito para uma cirurgia. Outra operação estava marcada

para o ano passado, mas foi adiada por causa da guerra. Ela deveria cruzar para o Egito ontem para o procedimento.

> Durante a primeira semana da guerra, em outubro passado, ataques aéreos israelenses destruíram a casa de Aseel em Beit Lahia, no norte de Gaza, e mataram mais de 30 dos seus familiares, disse o tio. Desde então, a família vive numa

tenda em al-Mawasi, no sul de Gaza. Aseel recebeu a notícia do fechamento da fronteira com resignação.

> O Egito já recebeu dezenas de milhares de feridos palestinos para tratamento em seus hospitais desde que abriu a fronteira com o território em novembro, no mês seguinte ao ataque do Hamas a Israel.

Com The New York Times e AFP